

O MÉTODO DE PESQUISA DE MARX¹

Paulino José Orso² 

EL MÉTODO DE INVESTIGACIÓN DE MARX

MARX'S RESEARCH METHOD

Resumo

A discussão acerca dos métodos de pesquisa é de suma importância, sobretudo, no âmbito acadêmico, e discussão acerca do método materialismo histórico-dialético se sobressai ainda mais, tendo em vista que está comprometido com os trabalhadores e a transformação social. A despeito disso, tem sido pouco discutido, e quando se discute, praticamente se limita a tratar do materialismo histórico-dialético. Nesse artigo, diferentemente, subordinamos a discussão do método de Marx aos objetivos de Marx e Engels, quer dizer, procuramos discutir os motivos pelos quais os autores buscaram com afincamento um método que atendesse às necessidades históricas dos trabalhadores, isto é, a transformação social.

Palavras-chave: Pesquisa; Método de pesquisa; Materialismo histórico-dialético.

Resumen

La discusión sobre los métodos de investigación es sumamente importante, especialmente en el ámbito académico, y resalta aún más la discusión sobre el método del materialismo histórico-dialético, considerando que está comprometido con los trabajadores y la transformación social. Pese a ello, ha sido poco discutido, y cuando se discute se limita prácticamente a abordar el materialismo histórico-dialético. En este artículo, de manera diferente, subordinamos la discusión del método de Marx a los objetivos de Marx y Engels, es decir, buscamos discutir las razones por las cuales los autores buscaron con tanto ahínco un método que satisficiera las necesidades históricas de los trabajadores, es decir, transformación social.

Palabras clave: Investigación; Método de investigación; Materialismo histórico-dialético.

Abstract

The discussion about research methods is extremely important, especially in the academic sphere, and the discussion about the historical-dialectical materialism method stands out even more, considering that it is committed to social transformation and workers. Despite this, it has been little discussed, and when it is discussed, it is practically limited to dealing with historical-dialectical materialism. In this article, differently, we subordinate the discussion

¹ Texto produzido como referência para a exposição realizada no sexto encontro do Curso de Extensão organizado pelo Grupo de Pesquisa HISTEDOPR, cuja temática central foi "A produção de conhecimentos em história da educação: métodos, técnicas e abordagens", ocorrido no dia 13 de outubro de 2023. Posteriormente foi utilizado como referência para a discussão acerca da "Pesquisa na perspectiva do materialismo histórico-dialético", realizada no dia 19 de março de 2024, no transcurso do Seminário permanente de metodologias da pesquisa, organizado pelo Programa de Pós-Graduação da Unochapecó.

² Doutor em História e Filosofia da Educação pela Unicamp, docente dos Cursos de Pedagogia e do Mestrado e doutorado em Educação da Unioeste, líder do Grupo de Pesquisa HISTEDOPR/UNIOESTE/ Campus Cascavel. <https://orcid.org/0000-0001-9126-3276>. E-mail: paulinorso@uol.com.br

Como referenciar este artigo:

ORSO, José Paulino. O método de pesquisa de Marx. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 26, p. 1-18, 2024.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v22i0.8165>

about Marx's method to the objectives of Marx and Engels, that is, we seek to discuss the reasons why the authors sought so hard for a method that met the historical needs of workers, that is, social transformation.

Keywords: Research; Research method; Historical-dialectical materialism.

Introdução

O objeto desta exposição é "**O método de pesquisa de Marx**", que, a despeito do que possa parecer, tem sido pouco discutido. E em geral, quando se discute, faz-se uma descrição e uma exposição acerca do materialismo histórico-dialético³, fala-se da contraposição ao idealismo e das categorias de análise como se bastasse para compreender toda a dimensão do método de pesquisa em Marx.

Ao invés disso, porém, farei um percurso diferente, pouco usual e comum, sem dúvida. Sem esquecer do caráter acadêmico, vamos procurar fugir do academicismo. Isso significa que ao invés de ficar preso à descrição do método, buscaremos subordinar o método aos objetivos de Marx e Engels⁴, quer dizer, vamos discutir os motivos pelos quais os autores buscaram com afincamento um método que atendesse às necessidades históricas dos trabalhadores, transformação social.

É importante esclarecer que, ao falar do método de pesquisa de Marx, como ele não é o único, também necessitamos mencionar os demais. E não somente isso, diria que só é possível compreender o seu método na sua relação com os demais. Assim, por um lado, o método de Marx evidencia o limite dos demais métodos, e, por outro, demonstra a sua superioridade em relação a eles.

É claro que o método de Marx é o materialismo histórico-dialético. Contudo, a questão que se colocava para Marx era qual deveria ser a função ou o papel da pesquisa e do conhecimento para o qual os métodos existentes não davam conta, e, portanto, carecia construir um novo método.

Diferentes métodos de pesquisa

³ Para que o texto não fique muito cansativo, não vou repetir sempre materialismo histórico-dialético. Por vezes vou falar simplesmente de materialismo histórico, entendendo como uma unidade.

⁴ É importante ressaltar que, apesar de falar do método de Marx, entendemos que resultou de uma construção de Marx e Engels. Por isso, mesmo que mencionemos somente Marx, entenda-se Marx e Engels.

A discussão acerca do/s método/s de pesquisa é uma questão fundamental. Contudo, falar do método de Marx implica em discutir também sobre os demais métodos. Como eles não são neutros, portanto, não basta fazer pesquisa, utilizar fontes e adotar um método qualquer, aquele que julgamos mais conveniente, pois, acarreta implicações práticas. Ademais, ao contrário do que muitos insistem, Marx não está morto e seu método não está ultrapassado.

Se existisse apenas um, não haveria necessidade de discutir, não é mesmo? Além disso, como existem vários métodos, supõe-se que sejam diferentes. Logo, a discussão acerca do/s método/s se faz necessária até mesmo para não se adotar um método cujas implicações práticas, ao invés de irem ao encontro, vão de encontro, volte-se contra os interesses dos trabalhadores, quer dizer, contra os nossos próprios interesses. Isso significa que é indispensável discutir e esclarecer para fazer escolhas conscientes.

Contudo, não basta pensar que se ficarmos preso exclusivamente ao método materialista histórico-dialético, o entenderemos adequadamente. Carecemos nos deslocar um pouco da questão. Ou seja, sua compreensão exige que se discuta e esclareça outras questões articuladas a ele.

Em consequência disso, primeiramente tratamos da pesquisa propriamente dita. Depois falaremos sobre em que consiste o método, os principais métodos, as diferenças entre método e metodologia e a diferença entre o método científico positivista e o método de Marx. Em seguida, discorreremos sobre o método de Marx e porque ele é tão combatido. Por fim, nos ocupamos da especificidade do método científico de Marx.

A pesquisa, em que consiste e para que serve?

Quando se fala em pesquisa, frequentemente vem à mente a ideia de algo difícil, como se só alguns pudessem ou conseguissem fazer. Em geral, remete à ideia de intelectuais, de laboratórios e de universidades. Todavia, diferente disso, ela não é uma exclusividade de intelectuais, nem é feita somente em laboratórios e universidades.

Todos somos pesquisadores, sim todos somos pesquisadores e fazemos pesquisas, cotidianamente. Entretanto, nos laboratórios e universidades se faz um tipo de pesquisa diferente daquelas realizadas cotidianamente pelo conjunto das pessoas – faz-se pesquisa científica e se produz conhecimento científico.

Mas, para entender melhor em que consiste e para que serve a pesquisa, primeiramente buscamos apoio em um grande intelectual brasileiro, que sofreu a perseguição da ditadura militar, Álvaro Vieira Pinto.

Vieira Pinto, em sua obra *Ciência e Existência*, escrita, em 1967, durante seu exílio, no Chile, afirma que a pesquisa, qualquer que seja ela, está voltada, direta e ou indiretamente, à produção de conhecimento, que, por sua vez, tem a ver com a vida. Isso mesmo, para viver é necessário conhecer.

Isso significa que nem a pesquisa nem o conhecimento são propriedades exclusivas do homem, todos os seres vivos conhecem. Todos os seres vivos pesquisam e conhecem. Claro que cada um o faz de acordo com suas condições e sua etapa de desenvolvimento. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que não existe vida sem conhecimento e sem pesquisa; que não existe conhecimento e pesquisa sem vida; que o conhecimento e a pesquisa se iniciam com a vida e cessam com o seu fim, com a morte.

Ademais, se a vida depende do conhecimento, também se pode afirmar que a nossa condição de vida revela o que, como e quanto conhecemos. E o contrário não é menos verdadeiro, o nosso conhecimento revela a nossa condição de vida individual e coletiva. Logo, se considerarmos a situação em que nos encontramos socialmente e a forma como vivemos, não resta outra conclusão senão que nosso conhecimento é extremamente precário e pobre.

Mas, em que consiste o conhecimento? De acordo com Vieira Pinto, o conhecimento se constitui na

propriedade geral da matéria viva: a de ser capaz de sensibilizar-se pelas condições do ambiente e reagir a ele com respostas que tendem a ser as mais apropriadas, as mais eficazes para contornar a ação possivelmente prejudicial de algum elemento do meio (e garantir a vida) (Idem, 1979, p. 19. Nosso parêntese).

Isso significa que o conhecimento e a pesquisa acompanham toda a escala de transformação da matéria, desde o momento em que começa a se diferenciar do restante da natureza, que permanecerá inerte, e assume a forma viva (Vieira Pinto, 1979, p. 16).

Nessa perspectiva, pode-se depreender, portanto, o conhecimento não se restringe ao conhecimento científico, ou então, que o conhecimento científico é um tipo de conhecimento. De acordo com o autor,

A pesquisa científica é um aspecto, na verdade o momento culminante, de um processo de extrema amplitude e complexidade pelo qual o homem realiza sua suprema possibilidade existencial, aquela que dá conteúdo à sua essência de animal que conquistou a racionalidade: a possibilidade de dominar a natureza, transformá-la, adaptá-la às suas necessidades (Vieira Pinto, 1979, p. 13).

Esse processo, afirma Álvaro Vieira Pinto, chama-se conhecimento. E em todas as espécies e na acepção mais ampla que se pode mencionar, seja o conhecimento e a pesquisa feitas no dia a dia, seja a realizada metodicamente em laboratórios e universidades, sempre têm o mesmo caractere, revela-se como a capacidade que o ser vivo (todo ele) tem de se sensibilizar em relação ao meio e de reagir a ele com as respostas mais adequadas e possíveis em cada momento para garantir a vida.

Em síntese, portanto, pode-se afirmar que a pesquisa e o conhecimento são inerentes à vida: pesquisamos para viver.

Todavia, dada a complexidade da vida social, a resolução dos desafios impostos à vida, exige um tipo de conhecimento para além do estímulo resposta, um conhecimento mais elaborado, metódico, científico, que se utiliza das leis de funcionamento da sociedade para extrair as respostas necessárias ao enfrentamento dos problemas e garantir a vida.

O método, o que é, em que consiste

Aliado à questão do conhecimento, portanto, também decorre a necessidade de discussão acerca do/s método/s de pesquisa. Como temos uma formação marcadamente idealista e positivista, em geral travamos uma discussão abstrata acerca do método.

Todavia, para não ficarmos num discurso e num debate etéreo, oco e vazio, no mundo das ideias, disputando sobre qual é o melhor método, partimos do pressuposto de que, independentemente do método que defendermos, não podemos negar que existe um mundo real, com objetos, seres e fenômenos concretamente existentes, comum a todos nós, que é objeto de ocupação dos métodos. Sua existência e sua forma específica não depende da consciência. Nada obstante, como a vida depende do conhecimento, o método deve possibilitar o conhecimento mais efetivo possível, tendo em vista a possibilidade de viver melhor.

Entretanto, a despeito de existir um mundo comum a todos, não significa que todos o compreendem e o expliquem do mesmo modo. Como existem diferentes métodos, por conseguinte, existem diferentes formas de compreender e explicar **os mesmos** objetos, quer dizer, de explicar o mundo, como é o caso da concepção religiosa, do naturalismo, do positivismo, do estruturalismo, da fenomenologia e do materialismo histórico-dialético.

Se cada método se ocupasse particularmente de seres, objetos e fenômenos diferentes, se não se ocupasse dos mesmos objetos, em tese, não haveria problema, afinal, se poderia afirmar que cada método se ocupa de objetos específicos. O problema, no entanto, está no fato de que os diferentes métodos se ocupam *dos mesmos* objetos, mas, ao invés de compreendê-los e explicá-los do mesmo modo, os compreendem e os explicam de modo diferente.

Não parece um tanto estranho que os mesmos objetos sejam compreendidos e explicados de modo diferente? Se o mundo é o mesmo e se os objetos são os mesmos, em tese, não deveriam ser explicados do mesmo modo? O tipo de explicação depende, entretanto, do método que adotarmos conscientemente ou não.

O fato é que se a discussão ficar no mundo das ideias, se não tivermos algo concreto, um critério prático de verdade, sobre o qual se possa dirimir as disputas e dúvidas, e definir qual é o método mais adequado para compreender e explicar a materialidade, não passaremos da disputa e da polêmica. Cada um ficará encapsulado, preso e empacado em si mesmo, em sua posição, teimando ter razão, sem, no entanto, saber se de fato tem ou não tem razão.

Por isso é que Marx esclarece que

A questão de se saber se ao pensamento humano pertence a verdade objetiva – não é uma questão da teoria, mas uma questão *prática*. É na práxis que o homem tem de comprovar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno, de seu pensamento (Marx, 1981, p. 103-104).

E acrescenta, “Toda a vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que levam a teoria ao misticismo encontram a sua solução racional na práxis humana e no compreender desta práxis” (Idem, 1981, p. 105).

Portanto, é a prática e não as ideias o critério de verdade, é ela que deve demonstrar qual é o método mais adequado para explicar a realidade. Sem sombra de dúvida, para um pesquisador sério, o melhor método é, certamente, aquele que permite “espelhar” melhor a realidade no plano do pensamento, que permite compreender adequadamente a realidade e, conseqüentemente, poder viver melhor.

Então, perguntamos: Qual método permite compreender efetivamente a realidade, resolver os desafios e garantir uma vida plena: o naturalismo, o escolasticismo, o positivismo, o estruturalismo, a fenomenologia, o materialismo histórico? Todos eles dão conta?

Ou seja, não se trata de travar uma discussão abstrata sobre qual é o melhor método. Afinal, como dissemos, o melhor método não deve ser outro senão aquele que melhor compreende e explica a realidade. Todavia, considerando-se que o mundo é composto por uma infinidade de objetos, cada um com suas peculiaridades, o método deve dar conta não só de contemplar essa diversidade e sua realidade aparente, mas de explicar sua essência, sua radicalidade, sua particularidade e sua relação com a universalidade, sua concretude.

Como se pode perceber, o método não se confunde com o método científico (positivista), que se trata de um conjunto de regras e procedimentos formais, definidos *a priori*, que devem ser seguidos para se obter um conhecimento reconhecido como válido e verdadeiro universalmente, a partir do qual se formula uma teoria para explicar todos os fenômenos.

Além disso, diferente da metodologia, que se constitui nos meios, nos instrumentos e procedimentos utilizados para a realização de uma investigação, de uma pesquisa e ou de um estudo, o método tem a ver com a compreensão da forma

de organização e funcionamento da realidade, isto é, com a explicação da razão de ser dos objetos, com a possibilidade de representar a realidade objetiva de forma efetiva no plano ideal.

O método, entretanto, não é uma fórmula ou um conjunto de regras estáticas, não deve ser arbitrário, nem aparecer como resultado da pura engenhosidade humana de impor à realidade uma forma abstrata para forçá-la a revelar suas propriedades. Diferente disso, é dinâmico, deve se subordinar ao próprio movimento da matéria. Consequentemente, dada a pluralidade de objetos, se de um lado, pode-se falar da pluralidade de métodos, de outro, também se pode falar de unidade metodológica, ou ainda, que todos os métodos particulares se revelam como “o método” (Vieira Pinto, 1979).

De qualquer modo, de acordo com Marx, o método deve possibilitar a penetração no âmago da matéria, compreender suas minudências, suas particularidades, suas conexões, suas articulações objetivas, suas múltiplas determinações, para revelar as leis que regem o movimento contraditório da realidade e “espelhá-la” no plano do pensamento, na forma de ideias, como concreto pensado, permitindo agir e resolver os problemas com os quais os homens se deparam.

Nas palavras do próprio Marx,

[...] a investigação tem de se apoderar da matéria, em seus pormenores, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e perquirir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode descrever, adequadamente, o movimento real. Se isto se consegue, ficará espelhada no plano ideal, a vida da realidade pesquisada (Marx, 2010, p. 28).

Todavia, o conhecimento científico, também conhecido como saber metódico, que está na base da concepção positivista de conhecimento e de sociedade, está assentado sobre a lógica formal não dá conta da plenitude do movimento contraditório da matéria. Por isso, pode-se afirmar que o método científico (positivista), diferentemente do materialismo histórico-dialético, constitui-se num método limitado, pseudocientífico.

Nessa perspectiva se pode falar até mesmo que, dado o seu compromisso com a justificação e legitimação das relações existentes, assume um caráter ideológico, diferente do materialismo histórico que tem compromisso com a transformação social

e, em função disso, necessita apreender a realidade, a sociedade e o mundo na sua radicalidade.

Porque discutir sobre o método em Marx

Como nosso objeto de discussão é o método de pesquisa em Marx, todavia, não podemos desconsiderar os ataques que ele e seu método, o materialismo histórico-dialético, sofrem. Creio que não é novidade para ninguém que Marx é o intelectual mais criticado e combatido da história. Dizem que ele está morto, que estudou o capitalismo do século XIX, que está ultrapassado, que é anacrônico e não faz mais sentido discutir sobre ele no atual momento.

Todavia, alguém já se perguntou por que tanta preocupação por parte da classe dominante de combater Marx e seu método? E em sentido oposto, porque não combate Aristóteles, que é considerado o pai do naturalismo? Porque não combate Platão, que é considerado o precursor do idealismo? Porque não combate Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, considerados os responsáveis pela afirmação da concepção escolástica/religiosa de mundo? Porque não combate Augusto Comte, que é considerado o genitor do positivismo? Porque não combate o linguista suíço Ferdinand Saussure, que é considerado o predecessor do estruturalismo? Porque não combate Edmund Husserl, que é considerado o fundador da fenomenologia? Enfim, porque não combate nenhum desses intelectuais, nem suas ideologias, e trava uma luta e um combate implacável à Marx e ao materialismo histórico? Qual é a razão do assentimento e complacência com esses autores e, concomitantemente, os infindáveis ataques a Marx?

Isso, contudo, não é muito difícil de entender. Pois, nenhum desses autores representa qualquer ameaça à classe dominante e seu poder hegemônico. Por isso, não apenas são tolerados, como são incensados, defendidos e difundidos. Ao passo que Marx é condenado ao ostracismo.

É nessa perspectiva que o próprio Marx fala que

As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é o poder *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder *espiritual* dominante. [...] As ideias dominantes não são mais do que a expressão ideal das

relações materiais dominantes [...]; portanto, das relações que precisamente tornam dominante uma classe, portanto as ideias do seu domínio (Grifos dos autores) (Marx e Engels, 1981, p. 59).

Ou seja, como a classe dominante detém o poder econômico, não admite outras teorias e ideologias diferentes daquelas que estão comprometidas com a reprodução de sua condição. Além disso, o fato de ter o controle sobre o poder econômico também lhe permite o controle sobre as ideias, as ideologias, as teorias sociais, os métodos de investigação, bem como, das análises e representações da realidade. Logo, promove, patrocina, difunde e impõe a sua concepção de mundo, seus valores e seus métodos como unicamente válidos e aceitos na tentativa de construir um mundo à sua imagem e semelhança.

Ademais, caso ocorra contestação no plano das ideias, para tentar impedir que ocorram mudanças sociais, lança mão do aparato burocrático e, no limite, também do arsenal bélico, militar e repressivo. Desse modo, faz com que a dominação seja massiva e extensiva.

De igual modo, entretanto, em sentido oposto, como dissemos, a classe dominante trava um combate infundável e sem tréguas a Marx e ao materialismo histórico justamente porque, ao invés de apenas interpretar o mundo de diferentes maneiras, propõem-se a transformá-lo (Marx, 1981), colocando em risco sua condição de classe, sua dominação e sua hegemonia.

Todavia, é importante registrar que a classe dominante faz o possível para que os trabalhadores abominem Marx. Em função disso, ela e ou seus ideólogos têm dedicado/dedicam muito tempo e esforço justamente para conhecer sua obra.

O ex-presidente estadunidense Richard Nixon (1969-1974), por exemplo, lamentava que Marx não fosse tão conhecido nos meios universitários dos EUA. Allen Dulles (1893-1969), ex-dirigente da CIA (Central de Inteligência Norte-Americana) defendia que fosse criada uma cadeira de marxismo a ser ministrada obrigatoriamente nas universidades norte-americanas. No Brasil, Delfim Neto, Roberto Campos (1919-2001), Fernando Henrique Cardoso e José Serra, dentre outros, dedicaram anos de estudo à obra de Marx, especialmente "*O Capital*".

Logo, enquanto trabalhadores, não podemos nos somar à burguesia na defesa de autores, concepções e métodos favoráveis a seus interesses e no combate a Marx e ao materialismo histórico, que correspondem aos interesses da classe trabalhadora.

O método de pesquisa de Marx

Antes que gere algum mal-entendido, entretanto, é importante mencionar que, quando falamos que o método científico é pseudocientífico, não comporta aqui qualquer conotação negacionista, de combate à ciência, conforme à moda do momento. O que afirmamos não é que o “método científico” (positivista) não seja científico. Afirmamos que aquilo que denominamos de método científico se constitui num método limitado e, portanto, insuficiente para dar conta de compreender o mundo, os objetos e as relações sociais em sua profundidade, na sua radicalidade, na sua completude, na sua essência.

Por isso, pode-se falar que o método científico é um método pseudocientífico. Pois, apesar de se ocupar da realidade objetiva, como o faz o materialismo histórico-dialético, o faz sem ultrapassar a aparência e a imediatez. Concebe os objetos meramente como algo exterior à consciência e não como produtos da atividade humana, em determinadas condições e em um determinado modo de produção. O método verdadeiramente científico, portanto, deve permitir e apreender o real nas suas máximas possibilidades, em sua real historicidade, nas suas múltiplas determinações.

Mas, qual é o método que permite atingir essa radicalidade? Eu seria poderia fazer aqui a defesa de um método que corresponde a essas exigências. Todavia, alguém poderia falar que se trata de uma defesa abstrata e arbitraria, que não serviria para nada além de alimentar o ego, pois, teria sido definido a partir das simpatias e ideias e não com base em um critério prático como mencionamos anteriormente. Em consequência disso, vou deixar para que cada um dos leitores conclua por si qual é o método verdadeiramente científico.

Como dissemos, entretanto, ninguém pode negar que existe um mundo objetivo, concretamente existente, no qual vivemos, com seres, objetos e fenômenos; ninguém pode negar que a sociedade está assentada sobre a propriedade privada dos

meios de produção, que, por sua vez, implica na divisão da sociedade em classes, na burguesia e no proletariado, e, conseqüentemente, nas lutas de classes; ninguém pode negar que os interesses da burguesia e dos trabalhadores não são iguais, nem harmônicos, são conflituosos e antagônicos; ninguém pode negar que, em função da divisão social, a neutralidade social é impossível. Aliás, como podem constatar não se trata de meras desigualdades, pois, as distâncias são abissais. Afinal, os cinco brasileiros mais ricos detêm mais riquezas que a metade da população do país, as oito pessoas mais ricas do planeta, detêm mais riquezas do que a metade da população do globo terrestre e três mil pessoas detêm uma riqueza equivalente a 14 trilhões de dólares, mais que o PIB da Alemanha, do Japão, da Índia e do Reino Unido juntos e congregam uma população de mais de 1,7 bilhões de pessoas; ninguém pode negar que nem o homem, nem os objetos estão sozinhos no mundo, e que estamos inseridos em uma totalidade; ninguém pode negar que as condições em que cada um vive, não dependem apenas dos indivíduos, nem da consciência de cada um. Por fim, ninguém pode negar que é possível compreender a realidade objetiva.

Ao que parece, a constatação dessa realidade não é apenas minha, fazem parte da realidade objetiva. Então, como a discussão é acerca do/s método/s, perguntamos: Qual dos métodos acima mencionados considera efetivamente todas essas determinações sociais e históricas?

O fato é que, independentemente de considerar ou não, de ter consciência dessa realidade ou não, esses fenômenos e essas determinações existem. Como nos diz Marx,

[...] na produção social de sua vida, os homens contraem determinadas relações, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais (Marx, s/d, p. 301).

E acrescenta que, "o modo de produção condiciona o processo social, político e espiritual em geral. Não é a consciência que determina o ser, mas, pelo contrário, o ser social é que determina a sua consciência." (idem, ibidem).

Por fim, conclui:

como exprimem a sua vida, assim os indivíduos são. Aquilo que eles são coincide, portanto, com a sua produção, com o *que* produzem e também com o *como* produzem. Aquilo que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais da sua produção (Marx, 1981, p. 23).

Isso significa que os indivíduos não são nem resultados de uma determinação da natureza, da vontade divina, da subjetividade, nem produtos de si mesmos. A forma como vivem e até mesmo como pensam tem a ver com as relações que travam em cada momento na luta pela existência, mediadas pelo modo de produção e pela etapa de desenvolvimento das forças produtivas materiais da sociedade.

Portanto, se não estou equivocado e se Marx tem razão, o melhor método não deve ser outro senão aquele que possibilita remover o "místico véu de névoa" (Marx, 2013, p.154) que encobre a realidade, apreender a essência do real e representá-lo como concreto pensado no plano das ideias.

Assim sendo, perguntamos novamente: Qual é o método que permite compreender e "espelhar" essa materialidade em sua radicalidade? O idealismo, o naturalismo, o escolasticismo, o positivismo, o estruturalismo, a fenomenologia? Ou, dizendo de outro modo, se o método que adotarmos não considera os determinantes fundamentais, pode-se considerar adequado para investigar, compreender e explicar efetivamente a sociedade?

Não negamos as contribuições parciais de cada um dos métodos do ponto de vista histórico. Porém, como a vida depende do conhecimento, quanto melhor o método permitir compreender e explicar a realidade, tanto melhor ela poderá ser. Por isso não podemos nos satisfazer com qualquer tipo de conhecimento, e, portanto, com qual qualquer método. Necessitamos de um método que possibilite penetrar no íntimo dos processos naturais e sociais, desvelar as determinações e os antagonismos sociais, extrair um conhecimento aprimorado, superar a alienação e transformar a sociedade. Afinal, ninguém consegue apanhar a ostra se não conseguir penetrar na concha. Da mesma forma não será possível transformar a realidade se não se produzir um conhecimento verdadeiro.

Do diagnóstico adequado e, portanto, do conhecimento efetivo da realidade, depende a resposta para enfrentar de forma apropriada os problemas e desafios com os quais nos deparamos para garantir uma condição vida de melhor.

Foi com essa determinação que Marx, juntamente com Engels, debruçaram-se sobre o que havia de mais desenvolvido à época, sobre o idealismo alemão, sobre a economia política clássica, sobre o materialismo limitado de Feuerbach e o socialismo utópico na busca de um novo método.

A preocupação desses eminentes pensadores, intelectuais e militantes, porém, não era de elaborar um método no intuito de conquistarem fama, de gozarem de prestígio junto às autoridades, de serem convidados para os fartos banquetes dos que vivem da exploração do trabalho alheio, nem de auferirem ganhos materiais e acumular capital.

Diferente disso, estava a preocupação de elaborar um método que expressasse a realidade efetiva no plano do pensamento, que revelasse a verdade. Desse modo, em oposição aos demais métodos, construídos a partir de pressupostos arbitrários, que apenas consideravam parcialmente a materialidade, Marx e Engels, parindo da produção e reprodução da vida material, quer dizer, da própria dinâmica da materialidade, edificaram um método, o materialismo histórico-dialético, capaz de não só desvelar as contradições e os antagonismos social, mas também possibilitar a superação do modo de produção existente.

Aliás, a preocupação de Marx com a compreensão efetiva da realidade o acompanhou desde a juventude, quando ainda se encontrava no ensino médio. Naquele momento, seu professor solicitou que escrevesse uma redação acerca dos desafios de um jovem diante da escolha de sua profissão. Nessa composição, escreveu que o mais feliz dos homens, é aquele que faz mais homens felizes.

Essa motivação, fazer os homens felizes, consumiu todas as suas energias. Percebendo a limitação dos métodos existentes e o seu compromisso com a legitimação do *status quo*, da pobreza, das desigualdades sociais e a superexploração dos trabalhadores, Marx buscou construir um método que desse conta de compreender, explicar e transformar a realidade. Pois, para que os homens possam gozar de uma vida plena e serem felizes, faz-se necessário ter acesso e usufruir dos bens materiais e culturais que produzem. Para isso, carece compreender efetivamente a realidade e transformá-la. É da busca incansável por um método que correspondesse a essas exigências e necessidades que resultou no materialismo histórico.

Muitos, no entanto, confundem o materialismo histórico com o método científico (positivista). Ambos são materialistas e “científicos”. Não obstante, como dissemos, enquanto o método científico, considera os objetos apenas como algo exterior à consciência, como mera materialidade empírica e aparente, o materialismo histórico-dialético penetra no âmago da matéria, desvela suas relações, suas contradições e seus antagonismos, compreende os objetos, as formas de ser e pensar mediados pelas relações sociais de produção.

Nesse sentido, pode-se falar que o método científico é um método limitado, ideológico e pseudocientífico, pois, na análise dos objetos, a despeito de partir da realidade empírica, assim como o faz o materialismo histórico, restringe-se à sua imediatez, não considera suas razões profundas, a totalidade vigente, a existência das classes, as contradições e os antagonismos sociais, enfim, não considera as multideterminações.

Quer dizer, no método pseudocientífico, a essência se confunde com a aparência. Ao passo que, para o método verdadeiramente científico, isto é, para o materialismo histórico-dialético, a aparência e a essência não coincidem. Nesse caso, a aparência, enquanto a forma imediata de ser da matéria, se constitui apenas no ponto de partida para o conhecimento. E a partir dele, parte em busca de apreender suas determinações, desvelar sua pseudoconcreticidade e revelar o ser, os objetos e fenômenos como resultado da síntese de múltiplas determinações.

Por outro lado, diferente da fenomenologia, para quem a essência é inatingível e incognoscível, considerando as categorias trabalho, classes sociais, conflitos de classes, antagonismos sociais, mediação e totalidade, o materialismo histórico-dialético defende o seu contrário, a possibilidade de conhecer objetivamente a materialidade, ou então, de transformá-la no concreto pensado.

Todavia, em função da apologia e do compromisso com a reprodução social, o método científico não só não extrai as máximas possibilidades da realidade, como camufla e escamoteia as contradições. Já o materialismo histórico, dado o seu compromisso com a transformação social, toma as determinações sociais como pressuposto e ponto de partida para a análise e investigação.

Assim, após intenso esforço e muitos anos de estudos, investigações e reflexões, com o intuito de encontrar um método que possibilitasse compreender adequadamente a realidade e transformá-la, Marx chegou a um método superior, verdadeiramente científico, ao Materialismo Histórico-Dialético, que serviu de fio condutor para todos os seus estudos realizados a partir então. O próprio autor afirma: "O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu de fio condutor aos meus estudos, pode resumir-se assim: [...]" (Marx/Engels, s/d, p. 301).

E foi por meio dele que Marx foi além da aparência, penetrou no coração do modo de produção capitalista, desvelou as leis de funcionamento da sociedade e revelou que o trabalho explorado, a mais valia, que se constitui no cerne do capital.

Todavia, apesar de o materialismo histórico representar a possibilidade de os trabalhadores romperem com as correntes e cadeias que os prendem, de restabelecer o encontro entre a teoria e a prática por meio da superação da fragmentação social, que, por sua vez, impõe a fragmentação no plano das ideias e teorias, apesar de os trabalhadores encontrarem no materialismo histórico-dialético as armas da crítica para a sua libertação e emancipação, não significa que Marx seja conhecido, amado e estudado pela maioria daqueles a quem dedicou toda a sua vida, os trabalhadores. Ao contrário disso, após mais de dois séculos de seu nascimento, não só continua sendo ignorado pela maioria dos trabalhadores, como se intensificam as campanhas de exorcização e de execração realizada pela classe dominante, no intuito de que, ao invés de os trabalhadores o defenderem, o desprezem e o odeiem.

Contudo, se Marx tivesse empregado toda a sua inteligência e determinação, que não lhe faltavam, em benefício próprio, para descobrir novas formas de ampliar a extração da mais-valia e acumular capital, seguramente seria incensado, condecorado e transformado em exemplo, digno de culto e reverência; gozaria de uma vida tranquila, seria bajulado pelos jornalões, teria espaços nos grandes blogs, nos canais de rádio e TV, seria convidado para pomposos encontros e fartos comensais com grandes empresários, políticos, "cidadãos de bem" e autoridades, e, provavelmente, seria agraciado com o Prêmio Nobel de Economia.

Contudo, em vez disso, escolheu a causa dos trabalhadores e da transformação social. Por isso, foi amaldiçoado, condenado a uma vida de amargura e miséria, foi

perseguido e expulso de diversos países justamente por desvelar e revelar os sagrados segredos do capital.

Portanto, não é sem motivo que, no momento em que nos deparamos com a maior concentração de riquezas da história, enquanto a extrema direita avança a passos largos, a escola e os trabalhadores são bombardeados diuturnamente pelos negacionistas e por uma tempestade de *fake news*, colocando em risco até mesmo as conquistas humanas e civilizatórias mais elementares.

Em consequência disso, os trabalhadores, especialmente os da educação, não podem se dar por satisfeitos em utilizar quaisquer métodos, nem fazer quaisquer pesquisas supostamente neutras e desinteressadas. Afinal, os problemas com os quais nos deparamos são candentes. Dentre eles, mencionamos aqueles relacionados à questão ambiental, as calamidades naturais e sociais, as migrações e imigrações forçadas, a construção de muralhas que separam pessoas, o esgarçamento do tecido social, o fundamentalismo, o genocídio do povos originários, a destruição dos direitos trabalhistas e sociais, a violência, o preconceito, o ódio, o racismo, a miséria, a fome, o aumento do feminicídio, o uso do conhecimento, dos algoritmos, da ciência, da inteligência artificial e da tecnologia para amainar as lutas e favorecer a concentração de capital, o aumento do controle social, a disseminação do negacionismo, os ataques à democracia, o avanço da extrema direita e do fascismo, enfim, os horrores das guerras.

Tudo isso coloca a urgente e inadiável necessidade de alocar a ciência a favor da transformação social, em benefício de toda a humanidade. Como nos diz Marx, "à porta da ciência, como à porta do inferno, deveria estampar-se esta divisa: *Qui si convien lasciare ogni sospetto; ogni vità convien che qui sia morta'* (Deixe-se aqui tudo o que é suspeito; mate-se aqui toda vilania) (Marx, s/d, p. 303). Quer dizer, a ciência deve ser utilizada para resolver os problemas humanos.

Contudo, é importante frisar que não se trata da ciência positivista, que confunde objetividade com neutralidade. Trata-se sim da ciência compreendida a partir da perspectiva do materialismo histórico-dialético. Caso contrário, não será possível conhecer e se apropriar efetivamente da realidade e, muito menos, contribuir para a superação do modo de produção existente.

Quer dizer, a defesa do conhecimento científico carece de adjetivação. Por si só, ainda que tenha possibilitado a crítica ao idealismo e contribuído para o desenvolvimento social, não se propõe a superar a ordem existente. Por isso, como dissemos, a ciência e o conhecimento científico carecem ser pensados na perspectiva materialista histórico-dialética.

Desse modo, aos educadores, pelos motivos expostos, não cabe se limitar à socialização dos “conhecimentos científicos” de forma supostamente neutra e desinteressada, mesmos aqueles mais elaborados. Diferente disso, o trabalho pedagógico realizado com base no materialismo histórico, deve possibilitar aos alunos o acesso aos conhecimentos verdadeiramente científicos, de tal modo que consigam se apropriar das determinações legais gerais da materialidade, desvelar a realidade, superar as ilusões, adquirir consciência de sua condição de classe e se inserir na sociedade como agentes transformadores.

Ou seja, os conhecimentos não devem se limitar meramente a “enfeitar o cérebro”, nem a uma realização fantástica do homem, devem possibilitar a superação do “vale de lágrimas” concreto e a consequente humanização efetiva. Isso, porém, só será possível se realizar se se tiver consciência de classe e se for consequente em relação a ela.

Em suma, por sua dimensão, profundidade e radicalidade, o método de pesquisa de Marx, constitui-se num método verdadeiramente científico. Assim, se por um lado, a classe dominante empenha todas as suas forças para negá-lo e difundir os métodos e ideologias adequadas à perpetuação da alienação, no intuito de reproduzir seus interesses, manter a exploração e eternizar seus privilégios, de outro, aos trabalhadores, faz-se necessário adotar o materialismo histórico-dialético, condição indispensável à compreensão efetiva da realidade, à desideologização, à transformação social, à superação do modo de produção existente e a construção de uma sociedade efetivamente humana.

REFERÊNCIAS

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, K e ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Lisboa: Edições Avante, 1981.

MARX, Karl. Prefácio à "Contribuição à Crítica da Economia Política". *In*: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Alfa-Omega, s/d/.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da Economia Política, livro I: O processo de produção do Capital [1867]. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I [1867]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Lisboa: Edições Avante, 1981.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ciência e Existência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Enviado em: 01-08-2024

Aceito em: 22-08-2024

Publicado em: 19-09-2024